



PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO II

HISTÓRIA

PROVAS	QUESTÕES
Língua Portuguesa	01 a 10
Conhecimentos Específicos sobre Educação	11 a 25
Conhecimentos Específicos	26 a 50
Redação	—

SÓ ABRA QUANDO AUTORIZADO

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

1. Quando for permitido abrir o caderno, verifique se ele está completo ou se apresenta imperfeições gráficas que possam gerar dúvidas. Em seguida, verifique se ele contém 50 questões da prova objetiva e a prova Redação.
2. Cada questão da prova objetiva apresenta 4 alternativas de resposta, das quais apenas uma é a correta. Preencha no cartão-resposta com caneta esferográfica de tinta preta ou azul a letra correspondente à resposta assinalada na prova.
3. A folha de resposta da Redação deverá ser preenchida com caneta esferográfica de tinta preta ou azul. Redações a lápis não serão corrigidas e terão pontuação zero.
4. O cartão-resposta da prova objetiva e a folha de redação são personalizados e não haverá substituição, em caso de erro. Ao recebê-los, verifique se seus dados estão impressos corretamente; caso contrário, notifique ao aplicador de prova.
5. O tempo de duração das provas é de 5 horas, já incluídos as leitura dos avisos, a coleta da impressão digital, a marcação do cartão-resposta e o preenchimento da folha de redação.
6. AO TERMINAR, DEVOLVA O CARTÃO-RESPOSTA E A FOLHA DE REDAÇÃO AO APLICADOR DE PROVA.

LÍNGUA PORTUGUESA

Leia a charge para responder à questão 01.



— QUESTÃO 01 —

O efeito de humor, produzido na charge, deve-se à

- (A) interrogação, pela substituição de uma afirmação por uma pergunta.
- (B) contradição, pela oposição entre a situação do personagem e a pergunta.
- (C) exclamação, pela expressão de entusiasmo realçada pelo personagem.
- (D) prosopopéia, pela atribuição de uma qualidade humana ao calango.

Leia o texto seguinte para responder às questões de 02 a 05.

O pensador indiano Amartya Kumar Sen analisa a pobreza com base no desenvolvimento social e ético

A pobreza e a exclusão social são temas muitas vezes ausentes das discussões filosóficas. Parece que os pobres não constituem uma força positiva que atraia os filósofos. Mas é necessário discutir a pobreza? Será que pensamos profundamente sobre as causas, os conceitos e as soluções para esse problema? Ou o deixamos ao encargo do Estado e dos cientistas sociais?

Tradicionalmente, as teorias econômicas concebem a pobreza como sinônimo de insuficiência de renda, baseados num critério limitado, que abandona as características e circunstâncias dos indivíduos. Mas será possível uma orientação ético-filosófica para o tema? O pensador indiano Amartya Kumar Sen (1933 -), representante da economia filosófica, oferece-nos uma abordagem crítica às limitações da racionalidade econômica e nos incita a pensar eticamente a pobreza, abordando o tema com base em sua articulação com a idéia de desenvolvimento social e ético.

Kumar Sen elabora o conceito multidimensional de pobreza. Esse conceito não limita o debate à questão da distribuição de renda, mas amplia-o por meio da noção multidimensional de educação, participação social e política, segurança e liberdade, qualidade de ambiente, saúde, etc. Por meio dele, há a mudança de enfoque na problematização da pobreza.

O pensador indiano parte da reflexão sobre a fome para questionar a abordagem sustentada na renda como fundamento para o bem-estar dos indivíduos. Segundo ele, a capacidade de uma pessoa é o que permite, dentro de um conjunto de possibilidades, escolher qual, entre elas, lhe proporcionará melhor qualidade de vida. [...].

GOMES, J. de S. A identidade positiva dos excluídos. *Discutindo Filosofia*. Ano 1. n. 6. p. 20.

— QUESTÃO 02 —

Segundo o texto, a abordagem crítica do pensador indiano Amartya Kumar Sen está associada ao fato de ele

- (A) questionar a discussão que se limita a considerar a renda como o alicerce para o bem-estar dos indivíduos.
- (B) afirmar que a boa distribuição de renda dá liberdade ao pobre de escolher condições de superação de todos os problemas que o atingem.
- (C) admitir que ficam ao encargo do Estado e dos cientistas sociais as políticas de transferência de renda suficientes para a solução da pobreza.
- (D) considerar que os pobres são capazes de romper com as barreiras da exclusão por participarem socialmente do Poder Público.

— QUESTÃO 03 —

Em relação ao texto, pode-se concluir que

- (A) a eficiência de medidas assistenciais provoca a discussão sobre a pobreza e a exclusão social em outras bases de reflexão.
- (B) uma noção multidimensional de pobreza levaria à conclusão de que a solução do problema está na distribuição eficiente de renda.
- (C) as teorias econômicas, por se firmarem num critério limitado, podem ser questionadas quanto à sua concepção de pobreza.
- (D) a qualidade de vida e o bem-estar dos indivíduos dependem da distribuição de renda e da racionalidade econômica.

— QUESTÃO 04 —

Na argumentação que desenvolve em seu texto, a autora vale-se

- (A) do pressuposto de que o Estado e os cientistas sociais são suficientes para a discussão da exclusão social.
- (B) da conclusão de que apenas a transferência de renda é a medida suficiente para a superação da pobreza.
- (C) do discurso autorizado que permite a sustentação do ponto de vista que ela defende sobre a discussão da pobreza.
- (D) do subentendido de que já se discutem medidas assistenciais suficientes para a inclusão social da pobreza.

— QUESTÃO 05 —

“Mas será possível uma orientação ético-filosófica para o tema?”

Essa pergunta presente no segundo parágrafo do texto,

- (A) suscita a impossibilidade de se discutirem a pobreza e a exclusão social no plano filosófico.
- (B) confirma a possibilidade de se discutirem a pobreza e a exclusão social no plano ético-filosófico.
- (C) defende o fato de ser encargo do Estado e dos cientistas sociais a discussão sobre a pobreza.
- (D) ratifica que já se pensou profundamente sobre as causas da exclusão social e soluções para esse problema.

Leia o texto para responder às questões de 06 a 08.

Uma ode à diversidade lingüística. Revolução da linguagem decorrente do advento da internet é tema de livro de pesquisador britânico

– Qual a boa do fds?! Ou ainda: – Vc tah afim de fzer alguma coisa hj? O leitor habituado com a internet certamente não estranhou as sentenças acima, tampouco deixou de entendê-las. O que soa muito natural para muitos internautas é, para o lingüista britânico David Crystal, uma manifestação da revolução da linguagem que o mundo atravessa neste início do século 21.

A emergência do inglês como a primeira língua internacional do mundo, falada por um número de pessoas sem precedente em toda a história, é o ponto de partida da argumentação de Crystal. Mais importante que isso: o número de falantes não-nativos do inglês já supera – e muito – o de nativos. Novas palavras e expressões gramaticais enriquecem e pluralizam a língua de Shakespeare. As mudanças são inevitáveis.

A morte das línguas, decorrente dessa supremacia do inglês, é a maior preocupação de Crystal. O autor, conhecido como um ativista pela diversidade lingüística, alerta para um cenário preocupante: a cada duas semanas, morre uma língua no mundo. Para lutar contra esse perigoso fluxo, o autor tem um plano e pretende conquistar adeptos: quer que o tema seja abordado na mídia, nas escolas primárias, nas artes plásticas, na música, na literatura. Quer um prêmio – uma espécie de Nobel da lingüística – para os militantes em prol da diversidade das línguas. Quer gritar ao mundo inteiro: os pandas precisam de nossa ajuda, mas as línguas também – vamos salvá-las da extinção!

Para Crystal, a língua na era da internet é o sinal mais claro de que a situação lingüística atual é revolucionária, sem medo da grandiosidade da palavra. A rede mundial de computadores inaugurou uma forma de comunicação singular, a meio caminho entre o oral e o escrito. O discurso da internet (o *netspeak*) afetou mais os processos comunicativos do que qualquer outra inovação tecnológica na história desde a invenção da escrita. E nada mais natural do que criar novos códigos compartilhados entre seus usuários – por isso Crystal rebate qualquer argumento purista de que as recorrentes abreviações e neologismos em *chats* e *e-mails* sejam prejudiciais às línguas.

MATOS, R. M., *Ciência Hoje On-line*, 09/05/2006.

— QUESTÃO 06

Com base nos argumentos que desenvolve em seu texto, o autor se vale do seguinte procedimento:

- (A) afirma que a linguagem, pela sua variedade, não constitui motivo de preocupação para os ambientalistas.
- (B) considera o inglês, por ser uma língua franca, como responsável pela existência de diferentes línguas.
- (C) não aceita as diferentes manifestações da linguagem que circulam no mundo neste início de século.
- (D) admite que a Internet, pela sua autonomia lingüística, materializa novos códigos que não prejudicam a língua.

— QUESTÃO 07

A preocupação de Crystal com a preservação das línguas, identifica-se com o fato de

- (A) a dependência do leitor em relação à Internet ser confirmada pela falta de entendimento de novas palavras.
- (B) o número de falantes não-nativos do inglês pouco contribuir para as mudanças e a diversidade lingüística.
- (C) a morte de uma língua tornar-se inevitável com o advento da Internet e de novas palavras.
- (D) a supremacia do inglês constituir uma ameaça e a possível dizimação de outras línguas.

— QUESTÃO 08

A expressão “a língua de Shakespeare” (2º parágrafo) permite ao leitor identificar a figura

- (A) ironia, pela intenção em desprezar a língua inglesa.
- (B) comparação, pelo confronto entre a língua inglesa e a língua de Shakespeare.
- (C) metonímia, pela contigüidade do sentido entre a língua inglesa e Shakespeare.
- (D) catacrese, pela contradição entre a língua de Shakespeare e a língua inglesa.

Leia a tira abaixo para responder às questões 9 e 10.

ANRÉLIO CARRANCA, O ÚLTIMO TORTURADOR BRASILEIRO



LUCCA, G. de. *Revista Cult*. São Paulo, Ano 10, n.115. 2007. p. 64.

— QUESTÃO 9

O autor da tira utiliza em seu texto a ironia construída

- (A) pela atribuição de um caráter autoritário ao discurso lúdico.
- (B) pelo deslocamento do discurso artístico às práticas dos comunistas.
- (C) pela aproximação do discurso autoritário com o discurso estudantil.
- (D) pela comparação da atitude autoritária dos presidentes com o discurso liberal.

— QUESTÃO 10 _____

Pela leitura da tira, é possível interpretar que a música sertaneja

- (A) elimina a repressão por meio de temas que pregam a liberdade de expressão.
- (B) conquista um grande público que a escolhe de forma espontânea.
- (C) incomoda as pessoas da elite por defender a igualdade social.
- (D) assegura a continuação das práticas de tortura após a queda do regime autoritário.

— RASCUNHO _____**— RASCUNHO** _____

CONHECIMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO**— QUESTÃO 11 —**

Dentre as mudanças apresentadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, inclui-se a possibilidade de organizar a educação básica em ciclos. Essa organização visa à

- (A) mudança no perfil profissional e na qualificação do professor da escola básica.
- (B) minimizar o impacto dos índices de retenção e evasão escolar e promover a adequação idade/escolaridade no ensino fundamental.
- (C) favorecer a descontinuidade da política educacional.
- (D) propiciar a contratação temporária e a rotatividade de professores.

— QUESTÃO 12 —

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, que colocou a educação infantil como etapa inicial da educação básica, provoca mudanças no imaginário social sobre a educação da criança pequena. Com essa Lei,

- (A) a educação infantil passa a ser ministrada em instituições vinculadas a órgãos de assistência social.
- (B) o trabalho com a criança de educação infantil passa a ser exercido por profissionais da área de saúde.
- (C) a criança de 0 a 6 anos passa a ser considerada como sujeito de direitos e sua educação integra-se aos sistemas de ensino.
- (D) a educação infantil passa a ter uma única forma de organização e prática pedagógica, abrangendo o atendimento de crianças de 0 a 8 anos.

— QUESTÃO 13 —

Entre as implicações positivas da organização dos processos educativos por ciclos, destaca-se a

- (A) necessidade de repensar o sentido da escola, das práticas avaliativas, dos conteúdos curriculares, do trabalho pedagógico e da própria organização escolar.
- (B) ênfase no trabalho individual desenvolvido pelos professores técnicos, gestores e alunos.
- (C) adoção de projetos políticos pedagógicos que priorizem o desenvolvimento individual do aluno e o processo educativo voltado para a competência.
- (D) manutenção das concepções e práticas consolidadas por resultados positivos comprovados em pesquisas e avaliações por amostra.

— QUESTÃO 14 —

Segundo Arroyo (1999), a organização do trabalho em ciclos de desenvolvimento humano leva ao questionamento e à superação de concepções e práticas de formação e qualificação de profissionais da educação, o que provoca mudanças no processo formador. Conforme o autor, isso significa que

- (A) a qualificação dos professores coloca-se como uma pré-condição à implantação das mudanças na escola.
- (B) a introdução de uma nova prática, um novo currículo, uma nova metodologia ou uma nova organização escolar dispensa a capacitação prévia dos professores.
- (C) o questionamento acerca do processo de formação pode ser um tempo de qualificação para os professores, pois é na ação que se criam novas formas de atuação.
- (D) a organização dos ciclos pressupõe a separação dos que planejam as ações daqueles que realizam a intervenção na escola.

— QUESTÃO 15 —

Arroyo (1999) e Krug (2001) apontam como critério necessário para a organização das turmas de alunos na escola de Ciclos de Formação:

- (A) os conhecimentos anteriormente adquiridos pelos discentes.
- (B) as idades cronológicas do alunado.
- (C) as avaliações discentes dos anos anteriores.
- (D) as capacidades cognitivas dos alunos.

— QUESTÃO 16 —

No Brasil, durante o século XIX e início do século XX, quando a base econômica estava passando do modelo agrícola para o modelo industrial, as escolas eram fundamentais para a criação de uma força de trabalho alfabetizada e disciplinada. Nesse contexto, em relação aos alunos com deficiência, os professores acreditavam que

- (A) uma eficaz intervenção pedagógica resultaria na possibilidade de os alunos com deficiência contribuírem com a aprendizagem de seus pares, promovendo a igualdade.
- (B) os sistemas e os ambientes educacionais estavam preparados para atender a todos os alunos com e sem deficiência.
- (C) os alunos portadores de deficiência adaptavam-se com facilidade aos programas existentes.
- (D) os alunos portadores de deficiência eram desprovidos de habilidades para enfrentar as exigências acadêmicas, prejudicando a aprendizagem dos colegas e exercendo influência moral subversiva.

— QUESTÃO 17 —

A educação é uma questão de direitos humanos. Os indivíduos com deficiência devem fazer parte das escolas, e estas modificarem seu funcionamento para incluir todos os alunos (Conferência Mundial de 1994, UNESCO). Esse entendimento leva a concluir que, quando existem programas adequados, a inclusão beneficia os alunos com e sem deficiência, porque

- (A) as pessoas portadoras de deficiência não desenvolvem habilidades acadêmicas, mas têm oportunidade de se relacionar com as demais.
- (B) o desenvolvimento de atitudes positivas, de habilidades acadêmicas e sociais possibilitado por tais programas, preparam os alunos para a vida em comunidade.
- (C) a aprendizagem em ambiente integrado oculta diferenças e facilita a cooperação.
- (D) a existência de uma atmosfera de discriminação das diferenças favorece a interação.

— QUESTÃO 18 —

A educação inclusiva tem sido objeto de polêmica no meio educacional. A diversidade na escola impulsiona os professores a depararem com sua própria diversidade étnica, cultural, social. Diante dessa realidade,

- (A) os cursos de formação de professores definem seus currículos com base no diagnóstico da realidade da escola, na diversidade humana e em suas repercussões desta aprendizagem.
- (B) os professores que atuam nas escolas, hoje, encaram a diversidade dos alunos como um fato e não como um problema.
- (C) os cursos de formação de professores carecem de uma abordagem multi e intercultural, que leve em conta a diversidade humana, já que os professores trabalharão também com alunos que são diferentes.
- (D) os programas de formação de professores já estão voltados à preparação de docentes para atuar considerando o conhecimento sociocultural e o desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente.

— QUESTÃO 19 —

A avaliação da aprendizagem faz parte do processo de formação do estudante, uma vez que possibilita diagnosticar questões relevantes, aferir os resultados alcançados, em relação aos objetivos propostos e, ainda, identificar mudanças de percurso eventualmente necessárias. Segundo esse entendimento, a avaliação da aprendizagem

- (A) é a reflexão permanente do educador sobre sua realidade e o acompanhamento do educando na sua trajetória de construção do conhecimento, incitando-o para novas questões e possibilidades.
- (B) expressa em seus princípios a ação classificatória, pontual, burocrática e autoritária e corresponde a uma etapa do planejamento.

- (C) caracteriza-se como julgamento de resultados e atribuição de notas e conceitos, tendo em vista a classificação dos estudantes.
- (D) é uma prática que consiste em registro de resultados acerca do desempenho dos alunos em determinado período do ano letivo.

— QUESTÃO 20 —

A avaliação deve ser realizada mediante critérios explícitos e compartilhados com os alunos, uma vez que o objeto de avaliação representa uma referência importante para quem é avaliado tanto para a orientação dos estudos como para a identificação dos aspectos considerados mais relevantes para a formação. Conforme esse entendimento, a avaliação

- (A) visa a comparar, de modo asséptico, resultados alcançados com os objetivos preestabelecidos.
- (B) é um processo que possibilita diagnosticar, ver, analisar e agir num ciclo ininterrupto.
- (C) é um processo técnico, desvinculado de valores e princípios.
- (D) possui caráter de mensuração, classificação e exclusão.

— QUESTÃO 21 —

A democratização da educação com qualidade social é um amplo e complexo processo, no qual a equipe diretiva (direção, vice-direção, coordenação) exerce um importante papel na criação de um clima organizacional favorável. Assim a equipe diretiva responsabiliza-se

- (A) por garantir a autoridade e o desenvolvimento das ações que efetivem as decisões tomadas.
- (B) por desenvolver de forma espontânea o atendimento às demandas que surgem no interior da escola.
- (C) por propor o debate, mediar o confronto de idéias, instigar a cooperação e a tomada de decisões coletivas.
- (D) por implementar as políticas governamentais e realizar a avaliação classificatória dos professores e técnico-administrativos.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 22

Na atualidade, o trabalho conjunto e integrado de administradores, educadores e outros profissionais torna-se uma exigência, dada a natureza multirreferencial da educação. O tipo de planejamento administrativo que atende a essa exigência é

- (A) o gerenciamento da qualidade total, de caráter conservador, voltado para o aperfeiçoamento do processo de produção industrial, fundado na premissa de que o mundo é um processo econômico, que requer competitividade, e esta só será eficiente no campo da qualidade.
- (B) o planejamento participativo, cujo fundamento é a consciência, a intencionalidade e a participação coletiva. Seu objetivo é a transformação das relações de poder autoritárias e verticais em relações igualitárias e horizontais, de caráter dialógico e democrático.
- (C) o planejamento estratégico, de caráter gerencial, vinculado à administração de empresas, busca a otimização de resultados no enfrentamento de ameaças, utiliza-se da flexibilidade para a adaptação às mudanças, contempla a qualidade e a participação.
- (D) o planejamento instrumental, de caráter cartesiano e positivista, simboliza a grande solução para os problemas de falta de produtividade da educação escolar, desconsiderando os fatores sociopolítico e econômico em nome de sua neutralidade, normatividade e universalidade.

— QUESTÃO 23

Na educação, realiza-se o planejamento em diferentes níveis de abrangência, desde aqueles que refletem as políticas educacionais, perpassando pelos projetos institucionais, pelos projetos político-pedagógicos da escola, até os projetos de ensino-aprendizagem. Há, portanto, uma relação intrínseca entre gestão educacional e projeto político-pedagógico, entendendo-se que aquela só tem sentido quando referida a um projeto. Assim, na unidade escolar, o projeto político-pedagógico cumpre a seguinte finalidade:

- (A) gerar um tipo de saber que atenda às exigências legais e aos trâmites oficiais, enrijecendo, todavia, a ação educativa.
- (B) registrar os aspectos didáticos que orientam a definição dos objetivos referentes à cognição, podendo ser subdivididos em plano de curso, plano de unidade e plano de aula.
- (C) direcionar a prática individual dos educadores para solução de problemas relativos à disciplina escolar.
- (D) definir os princípios, os fundamentos, as condições e os procedimentos para formação do aluno, envolvendo as dimensões pedagógica, comunitária e administrativa da escola.

— QUESTÃO 24

Ao contrário do que eram considerados no passado, as crianças e os adolescentes mostram-se como seres que pensam, têm sentimentos, emoções e, portanto, são participantes ativos do mundo e requerem uma educação que respeite suas individualidades e formas de aprender. Desse modo, o papel da educação básica é

- (A) possibilitar o desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo, social e cultural da criança e do adolescente, favorecendo a construção da identidade e da autonomia e o exercício da cidadania.
- (B) prover a guarda, a proteção da criança e adolescente e a assistência a estes, de modo a favorecer aprendizagens para uma atuação crítica na sociedade.
- (C) promover a aprendizagem de habilidades referentes ao exercício profissional e preparar a criança para o ingresso no mundo do trabalho.
- (D) propiciar à criança e ao adolescente a formação necessária ao desenvolvimento de atividades profissionais em diversos setores produtivos.

— QUESTÃO 25

A educação de jovens e adultos visa a dar oportunidades educacionais aos brasileiros que não tiveram acesso ao ensino fundamental e ensino médio na idade própria. Nesse sentido,

- (A) os sistemas de ensino asseguram aos jovens e adultos aprendizagens significativas, que levam em consideração seus interesses, condições de vida e de trabalho.
- (B) os professores que se dedicam ao trabalho com jovens e adultos recebem formação específica em todos os cursos de licenciatura, que os tornam capazes de fazer adaptações e ressignificações dos currículos e das práticas de ensino.
- (C) os jovens e adultos dispensam a necessidade de pensar a especificidade desse tipo de ensino e de superar a prática de trabalhar com eles da mesma forma que se trabalha com os alunos do ensino fundamental ou médio regular.
- (D) os jovens e adultos, por estarem em outros estágios de vida, têm experiências, expectativas, condições sociais e psicológicas que os distanciam do mundo infantil e adolescente e carecem de metodologias próprias.

— RASCUNHO

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS**— QUESTÃO 26**

Na Primeira República (1889-1930), uma sólida estrutura oligárquica dominava o espaço público. Compreendida como o meio para lidar com as divergências e alcançar o consenso, a política cedia terreno à violência. Nessa circunstância, o arraial de Canudos

- (A) desafiou a ordem republicana, recebendo armamentos e apoio dos movimentos monarquistas sediados no Rio de Janeiro.
- (B) representou um movimento tipicamente socialista, sendo influenciado pelos ideais de igualdade e fraternidade difundidos na Europa.
- (C) organizou uma comunidade religiosa com capacidade de autogestão de suas necessidades, desafiando o mando dos coronéis.
- (D) rompeu com as instituições tradicionais vinculadas ao latifúndio, propondo a invasão de terras improdutivas no sertão baiano.

— QUESTÃO 27

De uma hora para outra, a antiga cidade [do Rio de Janeiro] desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na cousa muito de cenografia.

BARRETO, Lima. *Bruzundangas*. p. 106.

O cenário urbano na Primeira República (1889-1930) sofreu alterações. Ao escrever sobre o Rio de Janeiro, a percepção de cenografia apontada pelo romancista associa-se

- (A) às obras de fachada, que pretendiam embelezar a cidade, dispensando profundas alterações economicamente custosas.
- (B) à permanência dos cortiços no centro da cidade, que ficaram escondidos pela construção de largas avenidas.
- (C) à fragilidade da engenharia nacional, que importou modelos estrangeiros sem a necessária experiência para a remodelação da cidade.
- (D) à adoção de uma urbanidade européia, que afastou a população pobre do centro, transformando a cidade em vitrine.

— QUESTÃO 28

A estrutura política na Primeira República foi marcada pelo domínio do poder local (coronéis), associado aos governadores. Definida no governo de Campos Sales (1898-1902), essa organização política decorria

- (A) da ausência de instrumentos institucionais adequados, que controlassem os conflitos regionais e assegurassem a ordem republicana.
- (B) do receio da centralização política, que resultaria na predominância política das regiões produtoras de café (São Paulo e Minas Gerais).

- (C) da necessidade de assegurar a ordem pública, que se encontrava ameaçada pela libertação dos escravos, decretada pela lei Áurea em 1888.
- (D) da obrigação de garantir o pacto federativo, que exigia o cumprimento de direitos e deveres nos mais longínquos territórios.

— QUESTÃO 29

A transformação da ordem social em Goiás adveio de uma nova ordenação do poder, a partir da Revolução de 1930, pois

- (A) a política de integração nacional, por meio do estímulo à construção de ferrovias, foi uma decorrência direta do movimento revolucionário.
- (B) a aliança entre os grupos tradicionais, em torno da construção de uma nova capital, consolidou o poder de Pedro Ludovico.
- (C) a construção de uma nova capital redefiniu as relações tradicionais de mando político, abrindo perspectivas ao desenvolvimento regional.
- (D) o apoio financeiro do Governo Provisório (1930-1934) foi fundamental para a construção da nova capital.

— QUESTÃO 30

A escolha e a instituição de eventos como portadores de sentido histórico por uma sociedade transmitem a idéia de um processo de formação comum, conferindo aos símbolos o poder de sugerir identidade. Nesse sentido, a identidade entre o bandeirante e a história de Goiás vincula-se à

- (A) constituição do território goiano, pertencente à capitania de São Paulo até 1549, em virtude de sua importância como produtor de gêneros de subsistência.
- (B) fundação, no século XVI, dos primeiros vilarejos em Goiás, concebidos para o apresamento e a catequização dos índios.
- (C) descoberta do ouro em Goiás, catalisadora do processo do povoamento da região e da fundação das vilas.
- (D) prosperidade do comércio da região, alcançada graças ao saldo positivo advindo da exploração aurífera.

— QUESTÃO 31

O samba *Aquarela do Brasil*, de 1939, composto e cantado por Ari Barroso, alude a um "Brasil brasileiro". O ufanismo da música não destoava da afirmação do projeto nacionalista estadonovista (1937-1945). Nesse período, o nacionalismo identificava-se com a

- (A) ocupação das fronteiras internas, realizada por meio da implementação das colônias agrícolas em Goiás e Mato Grosso.
- (B) valorização da mestiçagem e da cultura popular, assentada na importância do resgate e da defesa dos valores do povo brasileiro.
- (C) rejeição ao capital internacional, considerando que o desenvolvimento econômico adviria do planejamento estatal e da poupança interna.
- (D) instituição do voto secreto e da regulamentação do voto feminino, conquistas representativas da consolidação democrática.

— QUESTÃO 32

Getúlio Vargas permaneceu no poder ininterruptamente, entre 1930 e 1945. Retornou ao cargo de presidente, então eleito, em 1950. Em agosto de 1954, o trágico gesto do suicídio marcou sua entrada na história. A sua longa permanência no poder justifica-se

- (A) pelo prestígio obtido com as mudanças ocorridas em 1930, rompendo com as elites cafejeiras e com a dependência de capitais internacionais.
- (B) pela habilidade em se manter neutro diante dos conflitos políticos, assegurando a popularidade na eleição direta para presidente em 1934.
- (C) pela capacidade de agregação de distintas forças políticas em torno do Estado, aliando-se com o exército, em diversos momentos.
- (D) pela defesa incondicional do regime democrático, estabelecendo leis que asseguraram a proteção aos trabalhadores.

— QUESTÃO 33

O que se convencionou denominar populismo nos anos de 1950 ultrapassou o sentido de manipulação das massas, pois essa prática política

- (A) garantiu a constituição de partidos políticos, cuja formação vinculava-se diretamente à organização autônoma do operariado.
- (B) criou mecanismos de negociação com o Estado, os quais garantiram a conquista de direitos trabalhistas.
- (C) consolidou a legislação de proteção ao trabalho com direitos iguais para o trabalhador na cidade e no campo.
- (D) formulou uma perspectiva de luta política baseada na oposição entre capital e trabalho.

— QUESTÃO 34

A industrialização brasileira foi marcada por ritmos diversos, atendendo, na maioria das vezes, às contingências da política internacional. Entre 1910 e 1930, constata-se que

- (A) a política de valorização do café, com a contínua depreciação do câmbio, estimulou o investimento na indústria.
- (B) a Primeira Guerra (1914-1918) paralisou os mercados internacionais, propiciando o uso da capacidade ociosa das pequenas fábricas.
- (C) os imigrantes fixaram residência nas cidades e aplicaram os recursos trazidos da Europa na industrialização.
- (D) o Estado adotou uma política protecionista, voltada para a substituição das importações e para o desenvolvimento da siderurgia.

— QUESTÃO 35

Decretado em 1968, o Ato Institucional 5 (AI-5) definiu um novo sentido para o regime militar (1964-1985), sendo considerado uma revolução dentro da revolução. Essa interpretação sugere

- (A) a intenção do golpe militar em reduzir a influência do reformismo de Goulart, mantendo intacta a estrutura dos partidos e das instituições liberais.
- (B) a intervenção duradoura dos militares na política brasileira, instaurando uma nova ordem econômica e institucional para o país.
- (C) a divisão das Forças Armadas e o rompimento da hierarquia, apontando para o comprometimento dos jovens oficiais com a ordem democrática.
- (D) o aperfeiçoamento do processo revolucionário, abrindo a perspectiva de maior participação política dos partidos nas decisões nacionais.

— QUESTÃO 36

Em 2007, o ex-presidente Fernando Collor de Melo, eleito senador por Alagoas, ocupou o plenário para afirmar que o seu processo de *impeachment* fora uma farsa. Para além das questões de ordem jurídica, a perda do mandato relacionou-se com os desdobramentos políticos do seu governo. Nesse sentido, o *impeachment* resultou

- (A) da disputa por cargos entre os partidos políticos, que impediu o governo de conquistar a maioria no Congresso.
- (B) do processo inflacionário, que atingiu fortemente os trabalhadores e os setores médios, provocando o desemprego.
- (C) da ação da imprensa, que denunciou a corrupção, o descalabro da política econômica e o abuso do confisco financeiro.
- (D) da política de liberalização da economia, que descontentou simultaneamente os empresários nacionais e estrangeiros.

— QUESTÃO 37

No governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), em meio a inúmeras proposições de reforma, aventou-se que a Era Vargas teria chegado ao fim. Essa percepção identifica

- (A) o nacionalismo do governo Vargas como entrave ao desenvolvimento do capitalismo brasileiro.
- (B) o desenvolvimento nacional por meio da presença do Estado na condução da economia.
- (C) a redefinição das funções estatais, reduzindo-se o espaço do Estado como mediador nos campos da política e da economia.
- (D) a crença na capacidade do mercado em superar, por meio do crescimento da atividade econômica, as desigualdades sociais.

— QUESTÃO 38 —

No decorrer dos séculos XVI a XVIII, o sucesso do empreendimento colonial dependeu da produção de equivalências simbólicas, que se expressaram culturalmente por meio da atuação

- (A) da Companhia das Índias Ocidentais, que assumiu a função de reordenar as concepções de trabalho e de troca dos nativos.
- (B) dos pintores renascentistas, que representaram o Novo Mundo e suas peculiaridades a partir dos códigos ameríndios.
- (C) dos cronistas europeus, que se preocuparam em entender e redigir as histórias contadas pelos nativos em sua língua materna.
- (D) da Companhia de Jesus, que integrou os nativos ao universo cristão com o auxílio do trabalho missionário e educacional.

— QUESTÃO 39 —

Diz-se que vinte e quatro milhões devem prevalecer sobre duzentos mil. De acordo, se a constituição de um reino for questão de aritmética. Esse tipo de discurso só faz sentido com a ajuda de uma outra luz: para os homens que podem raciocinar, ele é ridículo.

BURKE, E. *Reflexões sobre a Revolução em França*. Brasília: Editora da UnB, 1982, p. 82.

Da reflexão acima, produzida por um contemporâneo da Revolução Francesa (1789-1795), retira-se a

- (A) defesa do princípio iluminista, o de que a razão deveria ser o pressuposto orientador para o bom governo.
- (B) crítica à reivindicação burguesa do voto por cabeça, medida benéfica ao Terceiro Estado e contrária aos interesses do clero e da nobreza.
- (C) ratificação da tese jacobina, a de que a constituição do reino se regulasse conforme controles numéricos e hierárquicos.
- (D) interpretação quanto à incapacidade do raciocínio humano, invocando a necessidade de um Rei para guiar os homens na vida em comunidade.

— QUESTÃO 40 —

Nas três últimas décadas do século XIX, a relação entre a Europa e a África caracterizou-se

- (A) pelo interesse mercantil, que fazia do continente africano um entreposto para o reabastecimento das tropas europeias nas guerras de conquista.
- (B) pela divisão do território africano entre as potências ocidentais, ação que mantinha o equilíbrio político europeu.
- (C) pelo auxílio político mútuo, que decorria da consciência europeia quanto ao dever em civilizar os africanos, concedendo-lhes a educação básica.
- (D) pela colaboração geoestratégica, que impunha ao continente africano a tarefa de funcionar como obstáculo fronteiriço aos interesses russos.

— QUESTÃO 41 —

A partir dos anos de 1920, com o fim da Guerra Civil (1918-1922) e o posterior isolamento imposto pelas potências ocidentais, algumas redefinições políticas e econômicas foram necessárias para a manutenção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). No interior dessas redefinições, adotou-se como meta

- (A) a industrialização rápida, viável pela existência abundante de recursos naturais e humanos e pelo planejamento econômico.
- (B) a expansão da revolução proletária, capaz de fortalecer o poder do bloco socialista e ameaçar a estabilidade do Ocidente.
- (C) o financiamento estatal agrícola, fundamental à permanência do apoio camponês e à fidelidade ao slogan revolucionário “Pão, Paz e Terra”.
- (D) o investimento na modernização do Exército Vermelho, considerado instituição prioritária para a defesa da Pátria Socialista.

— QUESTÃO 42 —

Em 1936, os fascistas italianos, liderados por Benito Mussolini, invadiram a Etiópia, àquela ocasião, livre da agressão colonial. A invasão italiana no país etíope evidenciou

- (A) a impotência da Liga das Nações, desrespeitada nas sanções que impôs à Itália.
- (B) o desejo dos povos coloniais em assimilarem a cultura ocidental europeia.
- (C) a incapacidade física dos nativos agredidos, nascida da fome intensa e contínua.
- (D) o rompimento do acordo de proteção territorial, assinado entre a União Soviética e a Etiópia.

— QUESTÃO 43 —

O apoio e a participação popular no Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães não resultavam apenas da violência e do medo. Sendo assim, o nazismo tornou-se um movimento de massas, primordialmente, por meio

- (A) das leis de Nuremberg, de 1935, que impediam tanto as relações extramatrimoniais quanto o casamento entre judeus e arianos.
- (B) da propaganda, que alimentava a crença na conspiração internacional de judeus e comunistas e na superioridade racial ariana.
- (C) da admiração popular pela figura carismática de Adolf Hitler (1889-1945), o *Führer*, que dividia sua liderança com os outros membros do Partido.
- (D) do entusiasmo pelo avanço científico, que fazia da Alemanha a potência ocidental mais desenvolvida da Europa.

— QUESTÃO 44 —

Nos anos de 1970, as medidas de liberalização econômica impuseram alterações drásticas, também, no campo cultural. Nesse sentido, a globalização contribuiu para

- (A) afastar a cidadania da política, criando um campo valorativo fundado no consumo de massa.
- (B) conceder mobilidade às grandes empresas, que passaram a deslocar suas filiais para lugares que ofereciam vantagens, como a mão-de-obra barata.
- (C) facilitar a especulação financeira, atrativa para agentes financeiros e maléfica para as economias fragilizadas pela oscilação das bolsas.
- (D) reformular o discurso do liberalismo conservador do século XIX, reforçando a necessidade da concorrência agressiva entre as nações.

— QUESTÃO 45 —

Em setembro de 1972, um grupo de oito homens invadiu a Vila Olímpica de Munique, com o objetivo de praticar um ato terrorista. Essa ação foi fruto de um conflito, que se arrastava desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Sobre o histórico desse conflito e os envolvidos nele, pode-se dizer que

- (A) a luta dos irlandeses contra o domínio inglês levou à criação do IRA (Exército Republicano Irlandês), responsável por constantes atos de terrorismo.
- (B) a fundação de Israel, em 1948, provocou a diáspora palestina, incitando os palestinos a atos terroristas em defesa de sua permanência naquela região.
- (C) o desejo separatista do País Basco, aprofundado no governo do General Francisco Franco, redundou na criação do ETA (*Euzkadi Ta Askatasuna*) por estudantes bascos.
- (D) os fundamentalistas islâmicos, em defesa dos princípios estabelecidos no Corão, assumiram a autoria do ataque à Vila Olímpica.

— QUESTÃO 46 —

Encontrar uma definição para a História é tarefa árdua. A anotação de que a "história é uma ciência do passado" é equivocada, porque

- (A) o conhecimento do passado dos homens é inalcançável sem o testemunho daqueles que vivenciaram os acontecimentos.
- (B) as fontes à disposição do historiador não respondem às perguntas necessárias ao alcance do conhecimento.
- (C) a categoria que singulariza e concede inteligibilidade à história é o tempo, duração que abrange passado, presente e futuro.
- (D) a história não se preocupa em ser ciência, rivalizando-se com o modelo herdado do século XIX, adaptado às ciências da natureza.

— QUESTÃO 47 —

O livro didático, instrumento de trabalho tanto do professor quanto do aluno, expressa

- (A) o fundamento da relação ensino-aprendizagem em sala de aula.
- (B) a tradução imediata do saber produzido nos centros acadêmicos.
- (C) o produto específico da abordagem teórica de determinado autor.
- (D) o sistema de valores de uma sociedade específica, em determinada época.

— QUESTÃO 48 —

As crianças têm necessidade de ver as cenas históricas para compreender a História. É por essa razão que os livros de História que vos apresento estão repletos de imagens. Desejamos forçar os alunos a fixarem as imagens.

LAVISSE. In: BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 75.

O uso de imagens no decorrer do processo pedagógico é de fundamental importância. No caso da História, as imagens concedem concretude à categoria abstrata do tempo. Nesse sentido, uma avaliação sobre as cenas históricas utilizadas nos livros de História, no Brasil, indica que

- (A) a representação imagética de Dom Pedro II demonstra a intenção republicana de associar a queda da monarquia ao envelhecimento e ao desgaste político.
- (B) a iconografia, desde o século XIX, era utilizada com descuido, sem que os autores fizessem a devida relação entre texto e imagem.
- (C) a utilização dos quadros de Pedro Américo e de Vítor Meirelles, admirados pelos monarquistas, decresceu com a Proclamação da República.
- (D) as primeiras imagens sobre os indígenas, escolhidas pelos religiosos, aludiam à convivência idílica dos nativos com a natureza que os cercava.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 49

A partir de 1985, a discussão em torno das propostas curriculares de História reiterava e evidenciava os confrontos surgidos no decorrer do regime militar (1964-1985). Nesse contexto, o debate preocupou-se com as questões relacionadas ao ensino dessa disciplina, enunciando

- (A) a distância entre o ensino fundamental e médio e as pesquisas desenvolvidas na universidade, que apontavam para a subordinação do saber escolar ao universitário.
- (B) a fragilidade das teorias pedagógicas, que eram incapazes de reter as particularidades dos conteúdos e da metodologia da disciplina História.
- (C) o risco, diante das rápidas mudanças tecnológicas, de relacionar o ensino e a pesquisa histórica a um passado ultrapassado e inútil.
- (D) a reivindicação pela manutenção, no ensino médio, da disciplina de Estudos Sociais, que possibilitava uma interação positiva entre a História, a Geografia e a Sociologia.

— QUESTÃO 50

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) orientaram a redefinição de conteúdos e metodologias em diversas áreas. Para o caso da História, os eixos que sustentaram a discussão foram

- (A) a ampliação do conceito de identidade e a ênfase no tempo evolutivo.
- (B) a crítica ao diálogo interdisciplinar e a superação da cronologia histórica tradicional.
- (C) a incorporação dos temas transversais e a validade teórica dos modos de produção.
- (D) a percepção das temporalidades diversas e a valorização da formação cidadã.

— RASCUNHO

REDAÇÃO

Instruções

A prova de redação apresenta duas propostas de construção textual. Para produzir o seu texto, você deve escolher um dos gêneros indicados abaixo:

A – artigo de opinião

B – carta de leitor

O tema é único para os dois gêneros e deve ser desenvolvido segundo a proposta escolhida. A fuga ao tema anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases sem que essa transcrição esteja a serviço do seu texto.

Independentemente do gênero escolhido, o seu texto **NÃO** deve ser assinado.

Tema:

A linguagem na construção das identidades e das diferenças

Coletânea

1 [...] As palavras vêm sempre de um já-dito na fala do outro: “nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentável’” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27). Por ser atravessado e habitado pelo Outro, o sujeito está inscrito sócio-historicamente e, embora tente camuflar a heterogeneidade que o constitui, é “atravessado pelo inconsciente e, por isso mesmo, impossibilitado de se reconhecer e de reconhecer o outro, já que é fragmentado, esfacelado, emergindo apenas pontualmente pela linguagem, lá onde se percebem lapsos, atos falhos” (CORACINI, 1999, p. 11). [...] As identificações não existem em si mesmas, elas são incessantemente (re)construídas por meio da diferença, por meio da relação com o outro e emergem apenas por momentos, pela porosidade da linguagem. [...] a identificação constrói-se na heterogeneidade, no esfacelamento, na dispersão das múltiplas vozes *costuradas* e *suturadas* constantemente. Dentro de nós há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções, embora as cicatrizes que ficam se imbriquem de tal modo que nossas identificações são continuamente deslocadas pela inefável presença de discursos outros.

ECKERT-HOFF, Beatriz. Processo de identificação do sujeito-professor de língua materna: a costura e a sutura dos fios. In: CORACINI, M. J. (Org.). *Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 271-275.

2 Inicialmente, as gírias ligam-se a atividades marginais, de baixo prestígio, muitas vezes escusas e sempre mais desvalorizadas quanto à norma culta. Várias nascem entre os jovens, e entre eles perambulam até ser substituídas, extintas ou incorporadas à linguagem comum, quando tomam, com propriedade, lugar de destaque – preferidas, não raramente, em vez de outras já consagradas. A maioria dos grupos sociais desenvolve termos ou expressões particulares a seu universo. Tais termos são uma espécie de especialização da linguagem. Isto é, especificam uma idéia a ser transmitida dentro de um conjunto e para um grupo. [...] O estigma das expressões particulares de determinado grupo social é tão marcante que seus próprios integrantes chegam a negá-las quando em ambientes estranhos ao seu. [...] “Se hoje se empregam mais gírias é porque hoje a agressividade natural desse vocábulo corresponde melhor ao clima de agressão às instituições tradicionais e porque hoje se reconhece nesse fenômeno vocabular uma fonte muito importante de criatividade do léxico popular”, é o comentário do professor de Português da USP Dino Pretti, citado por Lea Poiano Stella em sua tese *Ta Tudo Dominado: a Gíria das Prisões* (PUC-SP, 2003).

SEGURA, L. Fita sinistra. *Discutindo língua portuguesa*. Ano 2. n. 7. São Paulo: Escala Educacional, 2007. p. 35.

3 De um lado, é verdade que a linguagem modela sentimentos e emoções. Se alguém sempre ouviu certos termos ou expressões, como *negro*, *bicha* ou *coisa de mulher*, ditos com desdém ou com raiva, certamente vai reproduzir uma atitude machista ou racista. Portanto, usar uma linguagem não marcada por fortes conotações pejorativas é um meio de diminuir comportamentos discriminatórios. Por outro lado, o cuidado excessivo na busca de eufemismos para designar certos grupos sociais revela a existência de preconceitos arraigados na própria sociedade. Se assim não fosse, poder-se-ia empregar, sem nenhum problema, por exemplo, o vocábulo *negro*, sem precisar recorrer à expressão *afro-descendente*. Isso significa que não basta mudar a linguagem para que a discriminação deixe de existir. Além disso, os defensores da linguagem politicamente correta acreditam que existam termos neutros ou objetivos, o que absolutamente não é verdade. Todas as palavras, ensina o estudioso da linguagem Mikhail Bakhtin (1895-1975), são assinaladas por uma apreciação social. [...].

FIORIN, J. L. As palavras certas para um mundo melhor. *Discutindo língua portuguesa*. Ano 1. n. 2. São Paulo: Escala Educacional, 2006. p. 17.

4 Chamar de gordo é ofensa? Site de Época bate recorde de comentários com crônica sobre episódio ocorrido no Rio de Janeiro – a capital brasileira com mais habitantes acima do peso.

Gordura é, cada vez mais, um assunto de saúde. Está comprovada sua influência em doenças respiratórias e cardiovasculares e no desenvolvimento do diabetes. Os gordos, porém, não sofrem só com o desconforto, o colesterol e as dietas. Sofrem com o preconceito. Na semana passada uma mulher de 54 anos e 108 quilos provocou mais de 900 comentários no site de ÉPOCA. O nome dela é Mônica Beraba, carioca, secretária, desempregada. O episódio que ela viveu, no Bar Jobi, templo dos petiscos e da boemia carioca no bairro do Leblon, envolveu ainda duas clientes e um policial em seu primeiro dia de serviço na zona sul. Chamada repetidas vezes de “gorda” por duas moças na mesa ao lado em tom de chacota, a cada vez que pedia um prato ou uma bebida, Mônica achou que era demais ser ridicularizada publicamente. Chamou a polícia e perguntou ao policial armado de metralhadora: “Se eu chamar o garçom de preto, vou presa por racismo; podem me chamar de gorda em tom pejorativo?”. O cabo Cunha não conseguiu que as testemunhas se dispusessem a depor, mas foi delicado e sugeriu a Mônica que, da próxima vez que debochassem dela, respondesse “sou gorda, mas sou feliz”. [...]. Na redação de ÉPOCA, nós nos perguntamos por que o tema havia despertado tanto interesse e paixão. Foi a gordura, numa sociedade que cultua a magreza? Foi a coragem de se expor e exigir retratação numa sociedade passiva diante de tantos escândalos impunes? Foi a denúncia do preconceito que deprime tanta gente, numa sociedade que não aceita ser chamada de preconceituosa? Foi tudo isso junto, talvez. [...].

AQUINO, R. de. *Época*. São Paulo: Globo. 19 mar 2007. p. 110-111.

5 Por trás da crise está a luta de classes

[...]. E o último sinal dessa despolitização é o que eu chamo a despolitização da fala presidencial. A comunicação se fez sob a lógica do *marketing*, e não do direito à informação. Para quem, como eu, acompanhou a vida política do Lula, viu não só em 1978 mas no correr dos anos a capacidade analítica, a argúcia, a presteza na compreensão, a intuição do todo, a palavra exata na hora exata. Um político desses não precisa de marqueteiro! O que é que o marqueteiro fez? Destruiu o discurso político desse sujeito político, que por isso passou a ter um discurso da vida privada, pueril, moralista, populista, foi um desastre. Porque ele se apropriou de uma máscara discursiva que é a negação da capacidade de pensamento e de linguagem que ele tem. [...] Porque uma coisa é você dizer: “No capitalismo tudo é mercadoria, portanto os meios de comunicação são a mercadoria e a notícia é mercadoria, o jornalista é mercadoria”. Outra coisa é você ter uma estrutura de tipo orwelliana em que você produz o fato. E produz o fato não porque tenha minimamente um compromisso social, um compromisso político que diz para você: “Eu preciso fazer isso”. Não: você produz o fato, porque você vende o fato. [...] Então, o grau da manipulação ultrapassa tudo o que eu tinha pensado a respeito da publicidade, do *marketing*. É a realização efetiva, na minha opinião, de uma atividade fascista [...].

CHAUÍ, M. *Caros Amigos*. Entrevista Marilena Chauí. São Paulo. Ano IX. N. 104. Nov 2005. p. 33-37.

6 Em entrevista à Folha de S. Paulo, o psicanalista Tales Ab’Saber responde a uma questão sobre preconceito e futebol: “do mesmo modo que o esporte é sublimação da agressividade humana direta na esfera da linguagem do corpo – e o futebol contém em si, transmutada como um objeto-sonho, a história da batalha épica e da vitória difícil e desejada na guerra –, me parece evidente que o futebol é também um campo sublimado da homossexualidade masculina, um destino cultural específico do aspecto bissexual do homem. [...]. Como o futebol pode degenerar rapidamente em pancadaria – porque em sua origem ele é violência transformada em jogo, civilização –, ele também tem que expulsar constantemente o homossexual de si, porque ele é o amor dos homens pelos homens, transformado em jogo e em razão eficaz e estética na forma do gol. [...]. De boa fé, Ana Paula (auxiliar de árbitro punida por ter cometido um erro em um jogo da Copa do Brasil) desejou ser uma mulher no forte mundo homoerótico dos homens. Ela não era homossexual, não desejava ser homem. Quando entrava em campo, como uma mulher, para fazer a função abstrata do trabalho de auxiliar, punha em risco a estrutura do pacto inconsciente do grande grupo dos homens – que amam um Pelé, que amam um Raí e um Romário, entidades eróticas disfarçadas e elevadas à eficácia racional do gol e da vitória. O grande grupo masculino só podia concebê-la como mulher no lugar em que ela terminou [na capa da revista Playboy], no lugar social objetificado das mulheres. O futebol segue não-contaminado, as mulheres seguem controladas. Creio que esse é também o problema do lugar difícil do futebol feminino entre nós.

Folha de S.Paulo. São Paulo, 12 ago 2007. Caderno Mais. p. 4-5.

7 Filhos criam e desmontam suas versões sobre os pais

A construção e a desconstrução da figura paterna passa pelo olhar dos rebentos. De modelo a espelho, de super-herói a oponente, as descrições de pai mudam ao longo da vida, de acordo com o relato dos filhos.

Para pensar durante o almoço de hoje: se tivesse de descrever seu pai ao longo da vida, quantas versões ele teria? Na infância, costumamos pintá-los com cores e poderes de super-herói. Com as primeiras espinhas, vêm também as primeiras discussões. A admiração incondicional cede lugar ao confronto de idéias, gostos, objetivos. Autonomia financeira conquistada, a jornada segue sem a diligência do pai. A ânsia pela independência que acompanhou as espinhas se transforma em saudade, mas o turbilhão da vida adulta lhe toma até o tempo de sentir – por vezes, até de telefonar. Ainda que relute, chega o dia em que alguém te chama de pai. Então o mundo muda, você muda e, de repente, ele também mudou. De modelo passou a espelho, e você se vê repetindo com os seus o que ele fazia quando te chamava de meu. [...]. “Como dizia Jacques Lacan, é necessário servir-se do pai para poder prescindir dele”, lembra o psiquiatra e psicanalista Ariel Bogochvol, 49, da USP. “O pai é uma referência necessária, um elemento simbólico que ao mesmo tempo constrói valores como herança. Para que o filho crie sua própria autoria.”

OLIVEIRA, R. *Folha de S.Paulo*, 12 ago 2007. Cotidiano. C4

- 8 [...]. Assim, estruturas sociais e agentes individuais se alimentam continuamente numa engrenagem de caráter conservador. É o caso da maneira como cada um lida com a linguagem. Tudo que a envolve – correção gramatical, sotaque, habilidade no uso de palavras e construções etc. – está fortemente relacionado à posição social de quem fala e à função de ratificar a ordem estabelecida.

BOURDIEU, P. Pierre Bourdieu: o pesquisador da desigualdade. *Nova Escola*: grandes pensadores. Vol. 2. Edição Especial, n. 10. São Paulo: Abril Editora. Agosto, 2006. p. 61.

- 9 [...]. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é auto-contida e auto-suficiente. Na mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, “ela é branca”, “ela é homossexual”, “ela é velha”, “ela é mulher”. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto-referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. [...].

SILVA, T. T. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

- 10 [...] Mas o que é afinal a velhice? Vemos florescer, mesmo nas fileiras dos feminismos, os "grupos de jovens", face às feministas "clássicas", tradicionais, "idosas", velhas, enfim. O que faz a coerência dos grupos de "jovens"? Quais são seus limites, seus objetivos, seus laços? Como a idade pode determinar o pertencimento, senão em um mundo traçado, estabelecido, definido, onde os gostos e preferências se estabelecem segundo a publicidade, a propaganda, avatar último de uma globalização avassaladora em marcha? E quais são os detalhes sutis que colocam alguém, inexoravelmente, entre as "velhas"? A terceira idade começa aos 30 ou 31 ou 42 ou 54? E a quarta idade e a quinta? Qual é a ruga ou a quantidade de cabelos brancos que determinam essa passagem? [...] "Velhice", "juventude", mais uma vez a linguagem nos molda em palavras generalizantes, que fingem ter um sentido único, lá onde há apenas dispersão, como bem apontou Foucault (1971). Mais uma identidade ilusória que define o humano para melhor hierarquizá-lo, cindi-lo, criando separações e exclusões. É assim tão difícil perceber as linhas de poder que sustentam as oposições binárias? Na formação de grupos, cujos limites criam as margens os marginais? [...].

SWAIN, T. N. Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista. In: RAGO, M.; VEIGA NETO, A. (Orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 264-265.

Propostas de redação**A – ARTIGO DE OPINIÃO**

O *artigo de opinião* é um texto escrito para ser publicado em jornais e revistas e traz reflexões a respeito de um tema atual de interesse do grande público. Nesse gênero, o autor desenvolve um ponto de vista a respeito do tema com argumentos sustentados por informações e opiniões que se complementam ou se opõem.

Escreva um artigo de opinião para um jornal local, discutindo a relação entre linguagem e a construção das identidades e das diferenças. Defenda seu ponto de vista utilizando argumentos que o sustentem e/ou refutem outros pontos de vista, levando em conta a estabilidade e a instabilidade das identidades.

B – CARTA DE LEITOR

A *carta de leitor* é um texto persuasivo que manifesta a opinião do leitor sobre assuntos publicados em jornais ou revistas. Nesse gênero, o leitor pode se dirigir ao editor (representante da revista ou jornal), quando não há interesse em direcionar ou particularizar os comentários, ou ao autor da matéria publicada, quando o seu nome é revelado.

Escreva uma carta de leitor para uma revista de circulação nacional, discutindo questões que envolvam a linguagem e a construção das identidades e das diferenças. Coloque-se como pertencente a um determinado grupo (jovem, idoso(a), mulher, pai, jogador(a) de futebol, presidiário(a) etc.) e produza sua carta como uma resposta à revista e à sociedade em geral. Você deverá convencer a revista e seus leitores de que as identidades e as diferenças são construções sociais, históricas, ideológicas, etc. Discuta o papel da linguagem nessa construção, apresentando argumentos que sustentem seu ponto de vista e possam persuadir o leitor a aceitá-lo.

ATENÇÃO: Você não deve identificar-se, ou seja você deve assumir o papel de um leitor fictício.

